
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

POR UMA BREVE ANÁLISE DA RELIGIOSIDADE POPULAR PRESENTE NAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS REFERENTES ÀS CRUZES E MEMORIAIS DE BEIRA DE ESTRADA NO BREJO PARAIBANO*

Patrícia Teles Retondar – (PPGCR/UFPB)

Resumo

A morte e os rituais que a envolvem, se tornam objetos heurísticos, tendo em vista ser uma realidade comum a qualquer tempo histórico que, no âmbito das Ciências das Religiões, ganha espaço e legitimidade. E, observando as várias concepções religiosas que versam sobre a morte e seus rituais, a religiosidade popular se destaca, principalmente pelo caráter externo das suas formas de manifestação de fé. Dentre os vários rituais e simbologias fúnebres que pretendo analisar destaco, neste trabalho, os monumentos que margeiam as principais estradas do brejo paraibano. Da mesma maneira como nos cemitérios e nos rituais de sepultamentos o que se busca é a perpetuação daquele morto, também parece possível verificar essa prática através de uma memória coletiva visualizada sob a forma de cruzes de madeira, igrejinhas, capelas ou outros tipos de construções ou artefatos que simbolizem e representem aquele acontecimento nas estradas. Essas práticas funerárias estão muitas vezes ligadas a uma religiosidade popular que, apesar do crescente processo de individualização da sociedade moderna que contribuiu em grande medida para o ocultamento de alguns destes rituais e para a alteração de alguns modelos vigentes por outros menos públicos e mais distantes dos vivos, não significaram a sua ruptura em definitivo, como podemos perceber nas práticas ainda atuais de construção de cruzes nas margens de rodovias e memoriais de culto aos mortos.

Palavras-chave: Rituais fúnebres. Religiosidade Popular. Morte.

Introdução

Procuramos entender o passado para, através dele, entendermos práticas próprias de nossa sociedade. A morte, por exemplo, é uma realidade comum a qualquer tempo histórico, visto que ainda não conseguimos encontrar uma forma de evitá-la, apesar das inúmeras tentativas do homem em mantê-la afastada.

No caso em tela, objeto deste, procuramos fazer esta leitura a partir da análise da religiosidade popular nas práticas rituais que envolvem o

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.

processo da morte, pensando este como um processo não apenas natural, mas, fundamentalmente, histórico e social.

A morte e os rituais que a envolvem, se torna um objeto heurístico, tendo em vista ser uma realidade comum a qualquer tempo histórico e que no âmbito das Ciências das Religiões ganha espaço e legitimidade. E observando as várias concepções religiosas que versam sobre a morte e seus rituais, a religiosidade popular se destaca, principalmente pelo caráter externo das suas formas de manifestação de fé.

Dentre os vários rituais e simbologias fúnebres que pretendo analisar destaco, neste trabalho, os monumentos que margeiam as principais estradas do brejo paraibano. As conhecidas cruzes de beira de estrada são memoriais construídos que simbolizam geralmente uma perda dolorosa para familiares ou amigos do morto. Da mesma maneira como nos cemitérios e nos rituais de sepultamentos o que se busca é a perpetuação daquele morto, também parece possível verificar essa prática através de uma memória coletiva visualizada sob a forma de cruzes de madeira, igrejinhas, capelas ou outros tipos de construções ou artefatos que simbolizem e representem aquele acontecimento nas estradas.

Assim essa representação remonta a ideia de que a morte e o morrer precisam ser permanentemente expostos, simbolicamente perpetuados. Sendo essas práticas funerárias muitas vezes ligadas a uma religiosidade popular, que apesar do crescente processo de individualização da sociedade moderna que contribuiu em grande medida para o ocultamento de alguns destes rituais e para a alteração de alguns modelos vigentes por outros menos públicos e mais distantes dos vivos, o que não irá significar, por outro lado, a sua ruptura em definitivo, como podemos perceber nas práticas ainda atuais de construção de cruzes nas margens de rodovias e memoriais de culto aos mortos.

Por uma breve análise da religiosidade popular presente nas práticas mortuárias referentes às cruzes e memorias de beira de estrada no brejo paraibano é parte integrante da minha dissertação de mestrado ainda em

andamento no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba.

O presente trabalho tem por objetivos específicos, demonstrar como percebemos a dinâmica que envolve a religiosidade popular nos ritos fúnebres, a partir dos processos de natureza cultural e simbólica na sociedade brasileira de modo geral. Também temos por objetivo comparar os rituais de morte no Brasil, entre os séculos XIX e XXI e a influência da modernidade e dos processos de urbanização que se imbricam com esse contexto ritual fúnebre.

Reconhecer e analisar o imaginário referente à morte e o morrer que se apresenta contextualizado a partir da construção desses artefatos também se constitui objeto da presente pesquisa dada a relevância ainda hoje presente nas cidades do brejo paraibano.

A metodologia que compõe esse trabalho tem por objetivo utilizar o método de análise bibliográfica, especialmente no que se refere à aquisição de dados referentes aos rituais da morte nos períodos compreendidos entre os séculos XIX e XXI no Brasil, e ao mesmo tempo iremos nos deter através da pesquisa documental ao percurso religioso e os elementos que compõem a religiosidade popular e suas raízes.

No que se refere especificamente à análise do objeto da pesquisa, as cruzes e os memoriais que margeiam o brejo paraibano, faremos a utilização da Antropologia Visual enquanto método, pois a mesma é capaz de ajudar a promover o diálogo entre a imagem/artefato e a teoria, numa inter-relação dialógica. Essa dinâmica se dará através da montagem de um acervo fotográfico dos monumentos e artefatos fúnebres que margeiam as estradas do brejo paraibano, tantas quantas forem possíveis registrar, a fim de fazer um levantamento tanto histórico e de análise comparativa entre os elementos da religiosidade popular que supostamente estariam presentes nessas representações fúnebres. E além da possibilidade da análise, também o uso e a catalogação desse acervo como utilidade e relevância tanto histórica quanto cultural.

O trabalho de campo a que me proponho realizar para a dissertação não envolverá entrevistas ou algum tipo de contato com os moradores das localidades que serão parte da pesquisa, a etnografia consistirá no aporte fotográfico dos objetos fúnebres que se encontram margeando as principais estradas do brejo paraibano, o que não desqualifica o trabalho, uma vez que para realizar uma boa etnografia uma das questões centrais estaria ligada a capacidade de transpor os limites do senso comum, segundo Mariza Peirano em seu artigo intitulado Etnografia não é método.

A autora nos ajuda bastante a pensar sobre o real papel da etnografia, visto que muitas vezes nosso olhar se volta para ela enquanto método, mas nos surpreende saber que seu potencial supera muito essa etapa de um trabalho científico. Peirano aponta ainda:

> Tudo que nos surpreende, que nos intriga, tudo que estranhamos nos leva a refletir e a imediatamente nos conectar com outra situações semelhantes que conhecemos ou vivemos (ou mesmo opostas), e a nos alertar para o fato de que muitas vezes a vida repete a teoria. (PEIRANO,2014, p. 378)

E foi justamente diante desse estranhamento que o projeto de pesquisa surgiu e foi ganhando corpo, principalmente depois das disciplinas ministradas que contribuíram para alargar os nossos horizontes acadêmicos e teóricos. A Antropologia, no caso específico da minha pesquisa, é parte importante e fundamental, que juntamente com o meu olhar de historiadora me fará avançar e construir uma análise muito mais completa e embasada teoricamente.

Quando pensamos na realização de um trabalho científico, é de grande importância buscar uma interação e uma possível interdisciplinaridade, mais ainda quando nosso universo é o das Ciências das Religiões. Marcelo Camurça já vem dialogando nesse sentido:

> Devido a toda polissemia nas interpretações dadas ao fenômeno religioso, fruto da diversidade epistemológica com que ele é encarado, penso que o enfoque a ser dado nos

> Programas de Pós-Graduação em Ciência(s) da Religião deva ser o da interdisciplinaridade.(CAMURÇA, 2008,p. 25).

Há que se pensar que através dessa interação a produção acadêmica e intelectual que pretendemos realizar se torna mais dinâmica e capaz de ampliar suas contribuições, ao invés de limitá-la.

O ritual enquanto prática funerária

As práticas funerárias muitas vezes estão ligadas a rituais religiosos ou que expressam algum tipo de religiosidade, sendo assim percebidas como cerimônias elaboradas e reelaboradas que possam dar conta desse momento de ruptura. Nesse sentido, "podemos pensar os rituais como fazendo parte de um universo simbólico na organização das sociedades humanas, portanto da sua expressão cultural". (GUILOUSKI; COSTA 2012, p.).

Cada grupo irá desenvolver e vivenciar seus sistemas simbólicos conforme as suas necessidades específicas, a isso Geertz chama de cultura, "um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida". (GEERTZ, 1978, p.103).

Para uma melhor compreensão do ritual, seja ele qual for, é preciso entender que dentro dele há um conjunto de ritos, ações que configuram uma intencionalidade. "O rito como construção humana, nasce e fala precisamente das necessidades, buscas, esperanças, angústias, ilusões enraizadas na história de cada ser humano em particular e na história coletiva." (VILHENA, 2005p. 20).

O legado cultural de um povo, ou seja, sua carga cultural expressa significativamente o seu "ethos", onde seus símbolos se apresentam nas mais variadas instâncias, tanto no âmbito individual como no coletivo. "Um símbolo, é a essência do pensamento humano". (GEERTZ, 1978, p.109).

Vilhena aponta neste sentido, afirmando ser também o "rito expressão e síntese do "ethos" cultural de um povo, portanto, expressão de sua vida...". (VILHENA, 2005, p.55).

Quando falamos em rituais fúnebres, percebemos que suas práticas podem ser vivenciadas no contexto das cerimônias de despedidas, do cuidado com o corpo do morto, na escolha do lugar de sepultamento, ou ainda a opção por cremação desse corpo, entre outros cuidados e atitudes referentes a costumes funerários. Sendo esses costumes mortuários uma prática que leva em conta basicamente a tradição cultural e religiosa de cada povo, conforme aponta Guilouski e da Costa (2012).

As mais variadas formas de lidar o corpo irão ser vivenciadas e até mesmo alteradas conforme a tradição e cultura de um dado grupo social e também a partir de interações sofridas ao longo do seu processo histórico. O corpo neste sentido pode vir a ser pensado conforme os conceitos expressos em Merleau-Ponty (2006).

Segundo Meleau-Ponty (2006), citado por Alice dos Reis (p. 047) em seu artigo "A subjetividade como corporeidade", o corpo é:

> Os conceitos merleau-pontynianos de corpo vivido, motricidade do corpo, corpo como expressão e corpo como obra de arte nos levam a repensar a constituição da subjetividade como processo que se concretiza no corpo, a partir de suas vivências, seus movimentos, suas percepções, suas expressões e suas criações.

A cultura funerária e os ritos fúnebres: uma perspectiva ocidental

As atitudes diante da morte vão sendo alteradas ao longo do tempo, mesmo que pareçam imóveis. A percepção dessas alterações pode ser sentida na ampliação de certos ritos ou até mesmo no desuso de outros. E observando as várias concepções religiosas que versam sobre a morte e seus rituais fúnebres, destacaremos algumas práticas e costumes, numa concepção de morte Ocidental.

Philippe Ariés (ARIÉS, 1977) vai fazer uma análise bastante vasta no que se refere aos costumes fúnebres do Ocidente, e nos revela que o costume romano de fazer os sepultamentos fora das cidades teve a sua lógica alterada pelos cristãos, criando uma aproximação ainda maior do morto com os vivos, além de ampliar seus simbolismos religiosos. A cultura funerária e os ritos fúnebres que marcaram o século XIX no Brasil tiveram seu processo de formação caracterizado na Idade Média, especialmente no contexto monárquico da França através da figura de São Luís (1214-1270), rei de França.

São Luís foi o idealizador do maior programa funerário da Idade Média, onde reorganizou as sepulturas de dezesseis reis e rainhas que morreram entre os séculos VII ao XII em França e que de fato tinham sido coroados. Entre as suas ações, empenhou-se em fazer com que cada morto tivesse sido representado por estátuas jacentes. A necrópole real vai servir de instrumento ideológico e político para a monarquia francesa, principalmente. E através desse instrumento se consolida a continuidade e reforça o lugar de imortalidade monárquica. (Le Goff, 2010).

A memória dos "mortos poderosos" que vai sendo expressa através da ostentação cada vez mais consolidada das esculturas funerárias, será uma característica bem representativa da Idade Média no que se refere ao culto aos mortos e seus rituais fúnebres, não podendo deixar de perceber a importância dada a esses instrumentos simbólicos de poder, que no transcorrer do período foram sendo cada vez mais utilizados por toda a aristocracia e não apenas pelos monarcas e seus descendentes.

Os cerimoniais fúnebres vão tendo a partir de então novos regimentos, com novos códigos de conduta a serem cumpridos de forma bem detalhada, como apresenta Le Goff, "Os novos ordines regulam minuciosamente da coroação aos funerais e à ostentação mortuária". '' (LE GOFF, 2010 p.253).

Esse processo iniciado a partir da exaltação e exibição do poder monárquico também na perspectiva das sepulturas jacentes, passa ao longo

do tempo a ser incorporado pela aristocracia. A Igreja também passa a reforçar o seu papel de poder através da veiculação de manuais litúrgicos e na perspectiva escatológica da religião, que nesse período se baseia na crença do fim do mundo e da separação entre paraíso e inferno.

De um modo ou de outro, o que se pode perceber é que os dogmas religiosos estavam tão impregnados no universo do homem do medievo, que segundo Ariés (ARIÉS,1977), a hora da morte era um momento de batalha espiritual intensa, mas com completa aceitação da mesma. "A morte tornara-se um acontecimento de maiores consequências, convinha pensar nela mais particularmente. Mas não se havia tornado nem apavorante nem obsessiva. Continuava familiar e domada." (ARIÉS,1977 p.42)

Uma das características do momento da morte e que deveria ser atentamente cuidado era com relação à correção dos pecados e reparação dos erros cometidos em vida, bem como a importância do recebimento dos ritos sacramentais. Era indispensável o recebimento da extrema-unção, sendo este, um dos mais importantes sacramentos da igreja católica e que se fazia obrigatório aos moribundos: "Ao pressentir a morte, ou mesmo ao cair enfermo, o doente deveria comunicar ao padre de sua paróquia, a fim de que os sacramentos lhe fossem enviados". (PEREIRA, 2007 p.44).

Para uma melhor compreensão referente aos rituais fúnebres no período do Brasil oitocentista precisou nos reportar em primeira instância a Portugal, pois a sua herança marcou profundamente os nossos costumes.

Percebemos que em grande medida as representações da morte vão sendo tecidas aqui com articulações e leituras oriundas das tradições europeias ocidentais e conforme as práticas sociais da fé cristã. As atitudes frente à morte terão suas fronteiras demarcadas a partir de um processo de construção de identidades, reprodução social e hierarquias.

No interior deste contexto, podemos perceber que a produção simbólica da sociedade brasileira referente aos rituais fúnebres esteve

fortemente ligada a elementos básicos da ação colonizadora, que por sua vez introduziu elementos culturais e religiosos entre nós, os quais se fizeram perpetuar por um longo tempo, marcando assim as práticas ritualísticas da morte em nossa sociedade.

A Corte portuguesa no Brasil irá manter os costumes e hierarquias até mesmo nos rituais fúnebres, pois os ritos sociais eram de extrema importância para a manutenção do poder. Nos velórios e sepultamentos era possível reafirmar o lugar ocupado na hierarquia da Corte.

Os ritos fúnebres são ainda nesse contexto uma realidade de extrema importância social quando, como última etapa desse processo ritualístico, se fazia a escolha mais apropriada do lugar da sepultura, que deveria estar associada à localização social do morto quando em vida bem como à sua proximidade com a igreja. Daí a ideia dos sepultamentos estarem sendo realizados em sua grande maioria dentro das igrejas ou nos seus arredores, pois durante a vida houve a preocupação frequente em reservar uma porta aberta para a salvação de suas almas e manter a hierarquia social destacada.

A ordem social ganhava assim visibilidade e legitimidade através desses ritos, uma vez que o espaço religioso ocupava grande parte da vida dessa sociedade.

Até meados do XIX, os sepultamentos ainda se realizavam dentro das igrejas, e a sua organização espacial era hierarquizada. "Havia uma geografia social dos mortos, mesmo quando enterrados no interior das igrejas". (REIS, 1991, p.24).

Os sepultamentos, por exemplo, embaixo da sacristia era em sua maioria de escravos, forros e pessoas de classe social menos favorecida, ou ainda para mortos de outras classes sociais, uma atitude que demonstrava humildade pelo morto, como demonstra o importante trabalho de Batista: "No decênio de 1840 a 1850, os sepultamentos embaixo da sacristia são em sua grande maioria de escravos, forros e crianças". (BATISTA, 2011).

Esse fenômeno de enterrar seus mortos dentro das igrejas foi sendo amplamente difundido e sustentado pelas bases religiosas que cada vez mais conferiam para si poder político e social, e isso também passava pelos ritos fúnebres, "desta forma, tanto na Europa como no Brasil os poderosos faziam valer o seu status até mesmo na hora da morte, sendo inumados dentro das igrejas, ao passo que os pobres eram sepultados nos adros, ou ao lado da igreja, não tão perto quanto gostariam de estar de seus santos". (PEREIRA, 2007).

Já no século XIX os ritos da morte vão sofrer novas leituras religiosas, juntamente com muitas mudanças sociais. A religião católica, que era um dos pilares de sustentação social, vai reafirmar o seu lugar sócio religioso, ditando preceitos rigorosos, com normas escritas, e práticas sociais da fé cristã que eram necessárias para assegurar a boa morte.

As Irmandades que também formavam um dos pilares dessas práticas, assim como as exéquias e todos os outros ritos de um sepultamento estariam compondo esse arcabouço de obrigações religiosas e sociais. Essas práticas e suas experiências compunham uma articulada visão sobre o Juízo Final na qual, segundo Le Goff, "a Igreja ultrapassava as fronteiras da morte". (LE GOFF, 2005 p.147).

O fenômeno das irmandades, que no Brasil, desde o período colonial teve forte presença, se explica como sendo necessário para dar conta das várias esferas da vida social e também teve um papel importante nos rituais fúnebres.

As irmandades eram na sua essência associações corporativas chamadas de confrarias, onde seus membros eram subordinados a uma ordem hierárquica e que desenvolviam entre si compromissos mútuos de ajuda, tanto jurídica, médica, financeira, além das outras etapas da vida social, bem como, batizados e funerais. Essas irmandades eram basicamente organizadas por leigos, mas sempre associadas às ordens religiosas convencionais e tinham como seus patronos os santos católicos (Cf. Reis, 1991).

Dentro do contexto dos rituais fúnebres, nas procissões e cortejos solenes era quase sempre fácil identificar a posição social do morto, pois a forma e a estrutura de execução desses cortejos variavam conforme as posses do mesmo. Ainda que as irmandades nesse caso tivessem à frente da organização dos sepultamentos, toda ação era determinada pela posição social do morto.

Num típico funeral de pessoas de menos posse ou ainda no caso de pessoas escravizadas o papel das irmandades era crucial. Entre a maioria dos escravizados havia um grande temor de morrer sem ter a certeza de um sepultamento com caráter religioso, e a possibilidade de terem seus corpos enterrados sem nenhum cuidado era algo realmente assustador.

O papel primordial das irmandades era tecer uma rede solidária entre seus membros, e que no caso dos escravos e libertos servia de amparo em casos de doenças, alforria e forma de sociabilidade, além de que em caso de morte preparar todos os detalhes referentes ao sepultamento do seu membro, ou parentes do mesmo.

Júlio César Pereira vai enfatizar que a apropriação dos ritos católicos pelos africanos escravizados, via irmandade foi apenas uma das facetas da sociabilidade, onde puderam de alguma maneira recriar seus hábitos e costumes e alcançar algum tipo de distinção social e apoio nas horas de maior dificuldade, como doenças e morte. (PEREIRA, 2007).

Surge nesse contexto histórico a complexidade dos vários elementos que irão compor a formação do Brasil, destacando-se aí uma forte influência dos escravos africanos e seus descendentes, que também passaram a adaptar os seus rituais aos que aqui já existiam, praticando-os, agora, conforme os preceitos católicos.

O surgimento das irmandades e das associações religiosas leigas vai dar conta em grande medida dessa nova demanda social e tem como objetivo principal zelar para que o morto tenha a sua dignidade preservada nesse momento tão delicado da passagem da vida para a morte.

Estes processos demonstram que, assim como diversos outros fenômenos sociais, a morte está entrelaçada numa rede simbólica de relações de trocas culturais.

Dentro da sociedade brasileira do século XIX, principalmente, o culto dos mortos e as relações sociais estiveram realmente ligadas e foram sistematizadas e estendidas até o século seguinte, perdendo a partir de então suas características mais marcantes e se tornando então mais desprovidas de crença, preceitos e elementos mais religiosos, além de se tornar mais individualista.

Se os mortos estavam inseridos no cotidiano da vida das pessoas ao serem sepultados nas igrejas, com o crescente processo de secularização da morte na sociedade brasileira, marcado principalmente pela criação dos cemitérios, irá surgir um processo crescente de individualização que envolverá os ritos da morte através da individualização do lugar da sepultura e de um crescente afastamento em relação a esses mortos, movimento este que irá acompanhar o processo de modernização por intermédio da urbanização das cidades no Brasil.

Modernidade, processos de urbanização e rituais fúnebres

As mudanças ocorridas nos rituais fúnebres a partir de meados do século XIX revelam um processo mais estrutural que estava em gestação no interior da sociedade brasileira: o movimento de modernização, através da urbanização, de nossas principais grandes cidades.

Um dos eventos que marcaram fortemente esse processo ocorreu em meados do séc. XIX, que foi a epidemia da cólera, a qual irá marcar um conjunto de mudanças nos rituais tradicionais de sepultamento (DINIZ, 2001), especialmente a proibição, por parte do governo imperial, dos sepultamentos em igrejas, pois se acreditava que este era um elemento difusor da doença, propagando-se assim os sepultamentos em áreas mais

afastadas dos centros urbanos, atuando assim na consolidação dos cemitérios.

Tendo em vista seu caráter súbito de morte, a cólera provocou no seu período epidêmico de meados do século uma alta concentração de vítimas fatais, fazendo-se necessário abrir mão dos principais rituais de sepultamento e, por consequência, implicando também no declínio das referências morais que estavam atreladas a estes rituais. Dito de outra forma, "os estragos da doença afetavam esses rituais, que tinham, como se sabe, a função de ajudar a mascarar o horror da morte e a moderar o horror dos sobreviventes". (DINIZ, 2001 p.147).

Era o início da quebra de algumas tradições já cristalizadas na sociedade brasileira que se referiam aos rituais envolvendo a morte, o luto e os sepultamentos que irão, a partir do final do século, ser aceleradas pelas reformas higienistas nas grandes cidades.

Como podemos perceber a maioria das principais grandes cidades brasileiras irá, a partir do final do século XIX, sofrer uma revolução urbanística, influenciadas pelo modelo haussmaniano que em Paris fez escola e que influenciou o mundo ocidental, fazendo surgir ruas e construções inovadoras que pudessem dar conta do progresso e do modelo civilizatório vigente. "A Paris, recriada pelo Barão Haussman, serviu de inspiração para reinvenção do Rio de Janeiro de Pereira Passos". (SANTUCCI, 2008 p.96).

O Rio de Janeiro do final do século XIX foi um exemplo emblemático de uma capital muito populosa e influente que ansiava por reformas que fossem capazes de dar conta da sua demanda e do desejo da sua elite de se modernizar e acompanhar o progresso europeu, conforme descreveu Jane Santucci em Cidade Rebelde. "Da cidade que se modernizava, herdamos impressões nas vozes de escritores, jornalistas, artistas e fotógrafos que assinalavam o cotidiano de um Rio de Janeiro em transformação". (SANTUCCI, 2008 p.18).

A partir do início do século XX, o Brasil e a sua república irão definitivamente se inserir num contexto globalizante e modernizador, refletindo a influência do pensamento científico europeu e do progresso higienista propagado por médicos e engenheiros que visavam, acima de tudo, encontrar soluções para problemas referentes a saneamento, doenças e várias epidemias que acometiam a sua população. "O início do século XX, a Belle Époque brasileira deu passos bem seguros numa direção de propostas modernizadoras para o país." (CABRAL FILHO, 2009 p.76).

Apontando para este desejo modernizador e em nome do progresso civilizador, as principais cidades brasileiras se viam engajadas em alcançar um padrão civilizatório que se aproximasse com a realidade europeia, articuladas através das suas elites nessa busca. Havia um nítido desejo de ocultar o atraso desses centros urbanos mais populosos do país, onde o seu cotidiano revelava a sua realidade populacional mesclada entre ex-escravos, desempregados e pessoas comuns da sociedade. Essa população era considerada a responsável pelas mazelas do país, carregando o fardo da desigualdade social.

Foi nesse período onde muitas transformações no cotidiano das principais cidades brasileiras puderam ser percebidas através das mudanças que afetaram a vida urbana, alterando alguns costumes e inspirando novas práticas e hábitos sociais.

Para dar legitimidade ao processo de ampliação do ideal civilizatório modernizante foi necessário criar uma nova simbologia baseada na rejeição de alguns velhos costumes visando, assim, alcançar o ideário moderno que se contrastava com o modelo vigente. Na visão da elite brasileira, em especial, havia uma grande necessidade de modificar alguns costumes que representavam o atraso do país para dar lugar ao "novo".

Os rituais fúnebres no Brasil irão sofrer diretamente o impacto deste ideal modernizador, se transformando de acordo com o ritmo do desenvolvimento deste ideal pelo país. Mas é claro que as transformações ocorridas nestes rituais não irão se desenvolver de maneira plenamente

objetiva e direta, mas, de outro modo, se darão de forma gradual, conflituosa e até mesmo ambígua.

No entanto, é importante destacar que paralelamente a este processo de transformações sociais, irá se desenvolver em relação à morte, paradoxalmente, diga-se de passagem, um conjunto de novas manifestações que terão como principal objetivo mascarar a dor da perda, transformando esse momento em algo íntimo, menos solene. Começa então a vigorar também a lógica da indiferença, da dissimulação, onde a sociedade deveria como um todo manter um autocontrole e abandonar os velhos rituais tão extensos e marcados pela exposição tanto do morto quanto dos vivos.

Surgirá gradativamente um silêncio em relação à morte, um afastamento daquelas atitudes tão marcantes e anunciadas por parte do moribundo e dos seus familiares. E será justamente entre as famílias, principalmente nos centros urbanos, que começará a vigorar a ideia de que a morte deve ser escamoteada, até do próprio moribundo. Segundo Ariés, "A morte tornou-se um tabu, uma coisa inominável". (ARIÉS, 1977 p.150). Essas novas atitudes frente à morte estarão sendo vivenciadas cada vez mais onde se percebe o avanço da sociedade industrial, nesse contexto se preconiza o esvaziamento do discurso da morte e de todo o sofrimento público em relação à mesma.

Dessa forma a sociedade brasileira irá transformar a natureza ritual dos sepultamentos e da relação dos vivos e dos mortos. Os padrões tradicionais ficarão cada vez mais silenciados, nos fazendo perceber a sua permanência mais efetiva nas cidades onde a urbanização ainda é incipiente. Esses novos padrões individualistas da sociedade contemporânea que estarão influenciando o comportamento das pessoas frente aos rituais fúnebres e que vinham se desenhando aqui no Brasil desde o início do século XX, vai de maneira geral provocar um esvaziamento de significados e de sentimentos em relação às formas tradicionais de expressão sobre a morte. Norbert Elias demonstra essa percepção em

relação ao modelo contemporâneo quando afirma: "Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e nunca em condições tão propícias à solidão" (ELIAS, 2001 p.98).

O princípio da indiferença e da solidão apontado por Le Breton, como sendo uma característica do homem moderno, serão aos poucos introjetados no universo da morte e a mesma passará a ser vista como algo que deve ser escamoteada, "O indivíduo não é mais o membro da comunidade, do grande corpo social; ele se torna um corpo exclusivamente seu". (LE BRETON, 2012, p. 66). E o status de pessoa que até então possuía se perde neste contexto e passa a ser "apenas" um corpo. E esse corpo inerte perde a sua subjetividade, sua existência, não mais realiza não mais se expressa, aspectos tão significativos segundo Merleau-Ponty (2006). E elementos da espontaneidade dos rituais fúnebres e outros mais extravagantes e demorados irão cedendo lugar a solenidades mais restritas, silenciosas e mais rápidas.

Conclusão

A cultura funerária que perpassou o universo brasileiro no século XIX esteve vinculada ao modelo medieval que apresentava um cuidado todo especial aos mortos, principalmente pelo uso da procissão, dos estandartes, das relíquias de santos, dos cantos, das velas e, sobretudo pela mortalha a ser utilizada pelo morto. Sendo esta, geralmente, uma escolha antecipada, bem como o local da sepultura e a igreja. Todos esses detalhes, normalmente eram deixados em testamento para que as ordens fossem cumpridas conforme a vontade do morto.

O crescente processo de individualização da sociedade contribuiu em grande medida para o ocultamento de alguns destes rituais e para a alteração de alguns modelos vigentes por outros menos públicos e mais distantes dos vivos, o que não irá significar, por outro lado, a sua ruptura em definitivo, como podemos perceber nas práticas ainda atuais de

construção de cruzes nas margens de rodovias e memoriais de culto aos mortos.

Koury (2001) irá reforçar essa tese através de sua análise sobre a permanência de alguns aspectos que envolvem os rituais da morte no imaginário da população urbana brasileira contemporânea, destacando algumas especificidades conforme as regiões do país. A região Nordeste vai se destacar por sua manutenção mais recorrente dos elementos oitocentistas no que se refere aos rituais fúnebres. Também revela o uso da fotografia como parte destes rituais, ainda que em número reduzido, se mantém de forma tradicional, conforme costume vigente desde o final do século XIX e início do XX.

Meu ponto de partida para a análise da religiosidade popular a partir de elementos exteriorizados da fé católica expressa nos memoriais e artefatos fúnebres de beira de estrada, terão como base teórica, os estudos desenvolvidos por Mauro Koury, que é antropólogo e professor do Programa de Pós-Graduação em sociologia da Universidade Federal da Paraíba e um dos expoentes nessa temática da morte.

Assim como a fotografia fúnebre/ mortuária aparece no cenário brasileiro com a intenção de fixar para eternidade o prestígio do morto e também como uma lembrança daquele que se foi, também surgem nesse mesmo contexto a prática de construção artefatos e monumentos fúnebres de beira de estrada, mesmo ainda hoje.

De um modo ou de outro, nos vários aspectos da vida humana, assim como, nascimento e morte, e que são eventos sociáveis, percebemos que a partir do final do século XIX tivemos uma perda gradual do elemento público dessas ações. Verifica-se, portanto, uma tendência forte em escamotar e tornar mais privado esses aspectos antes tão públicos. "Em épocas mais antigas, morrer era uma questão muito mais pública do que hoje" (ELIAS, 2001 p.25).

Fato de que hoje é pouco comum se falar sobre morte com crianças ou mesmo deixa-las participar dos funerais. Tornou-se um tabu essa

temática, principalmente entre as famílias ocidentais. "O certo é que a morte era tema mais aberto e frequente nas conversas na Idade Média do que hoje". (ELIAS, 2001 p.21). O morrer é algo que a sociedade moderna procurou afastar de si, pois mesmo tendo consciência da sua finitude, o homem transformou esse ato em algo traumático e que precisa ser ocultado.

Norbert Elias descreve essa problemática citando a extrema dificuldade que vivenciamos no presente em relação a nossa incapacidade de dar aos moribundos um tratamento digno de atenção e afeto, o que nos remeteria à lembrança da nossa própria finitude. "A morte é um dos grandes perigos biossociais na vida na vida humana". (ELIAS, 2001 p.19).

Hoje estamos cada vez menos preparados para vivenciar a morte de perto, nos preocupamos sim em deixa-la o quanto mais nos bastidores, e nem os moribundos estão sendo poupados dessa ocultação. Ocorre que estamos ficando cada vez mais desconfortáveis diante de situações de morte eminente ou luto. As velhas fórmulas rituais que se encaixavam nessas situações estão cedendo terreno a novos modelos que reforçam a individualidade, o autocontrole emocional e comportamentos bem mais superficiais em relação à morte.

O mistério que cerca a morte e as atitudes referentes a ela, e que percorrem o imaginário das pessoas tem ainda hoje se tornado um grande empecilho para vivenciá-la. "A morte não tem segredos". "É o fim de uma pessoa". "O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas, o que permanece nas memórias alheias". (ELIAS, 2001 p.77).

Esse cenário que se apresenta, sobretudo no Brasil urbano contemporâneo, não seguirá um modelo homogêneo por todo país, podendo ainda apresentar de forma bem marcante algumas atitudes tradicionais para o conjunto de rituais fúnebres que datam sua predominância desde o século XIX, por exemplo. Koury(2001b), citando DaMatta e Schimitt diz:

> Nas atitudes tradicionais da sociedade brasileira, o imaginário da morte e dos mortos construía-se e era constituído como um reforço dos laços sociais com os vivos, isto é, com os outros homens e mulheres deste mundo, e com os mortos, isto é, os seres imaginados do além. (KOURY,2001, p. 88).





Fonte: Acervo pessoal da autora

Referências

ÁRIES, Phillippe. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. Jardim regado com lágrimas de saudade: morte e cultura visual na Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (Século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

CABRAL FILHO, Severino. A cidade revelada: Campina Grande em imagens. Campina Grande: UFCG, 2009.

CAMURÇA, Marcelo. Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.

DINIZ, Ariosvaldo S. *A iconografia do medo*. IN: Imagem e Memória: Ensaios em Antropologia Visual. (Org.) Mauro G. P. Koury. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

ELIAS, Norbert. A solidão dos Moribundos: seguido de: "Envelhecer e morrer". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GUILOUSKI, Borres & COSTA, Diná Raquel. Ritos e rituais. IN: II Jornada interdisciplinar de pesquisa em teologia e humanidades, Vol. 2 N. 1, PUCPR. Págs. 91-109. Curitiba:2012 KOURY, Mauro G. P. Koury. *Você fotografa os seus mortos? Fotografia e morte no Brasil urbano.* IN :Imagem e Memória: Ensaios em Antropologia Visual. (Org.) Mauro G. P. Koury. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LE BRETON, Davi. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis, Vozes, 2012.

LE GOFF, Jacques. Em busca da Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação da Editora da UNESP, 1998.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p.377-391 jul/dez, 2014. São Luís. Rio de Janeiro: Record, 2010.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond: IPHAN, 2007.

REIS, Alice Casanova dos. A subjetividade como corporeidade: o corpo na Revista Vivência. UFRN: n.37, p.37-48, 2011.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e a revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. IN: História da vida privada no Brasil, Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHMIDT, Jefferson. Sem distinção de gênero: o amor de deus no rito da unção com óleo. IN: Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016.

VILHENA, Maria Ângela. Ritos expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005.